

SOBRE TRADUÇÃO

Jethro SOUTAR¹

Tradução: Nana Coutinho e Carolina PAGANINE²

Resumo: Este texto traz uma reflexão sobre a pesquisa e o processo de solução de problemas ao traduzir *Arde el monte de noche* para a língua inglesa. O romance foi escrito por Juan Tomás Ávila Laurel em espanhol, mas é narrado por um homem que tem o espanhol como segunda língua. O desafio principal posto ao tradutor foi, portanto, transmitir essa dualidade linguística e, ao mesmo tempo, manter no texto a fluência adequada a uma contação oral de histórias. Por extensão, buscamos traçar considerações sobre como os tradutores podem aprender com textos existentes, tomando expressões emprestadas, em especial quando se traduz obras de lugares distantes.

Palavras-chave: Tradução literária; literatura africana; Guiné Equatorial; Juan Tomás Ávila Laurel.

Abstract: This paper reflects on the research and problem-solving process of translating *Arde el monte de noche* into English. The novel was written by Juan Tomás Ávila Laurel in Spanish but is narrated by a man speaking Spanish as a second language. The main challenge for the translator was, therefore, to convey this linguistic duality while maintaining a fluid text befitting of oral storytelling. By extension, the paper thus considers how translators can learn and borrow from existing texts, especially when translating works from faraway places.

Keywords: Literary translation; African Literature; Equatorial Guinea; Juan Tomás Ávila Laurel.

Tradutores iniciantes muitas vezes ficam frustrados com a falta de oportunidades e isso acontece, principalmente, no mundo anglófono, onde tão poucos livros são traduzidos. Autores consagrados trabalham com tradutores consagrados e as editoras com seus colaboradores de confiança. A única maneira de entrar nesse círculo mágico é descobrindo algo novo: tradutores principiantes devem procurar textos “desconhecidos” e um bom jeito de fazer isso é olhando para onde o mercado tende a não se aventurar.

¹ Tradutor de espanhol e português para o inglês. Suas traduções incluem *Needle in a Haystack*, de Ernesto Mallo (publicada em 2010 e indicada para o prêmio *Crime Writers Association's International Dagger*) e *Hotel Brasil*, de Frei Betto (publicada em 2014 e vencedor do *Pen Award*), ambos pela Bitter Lemon Press. Sua tradução do romance *By Night The Mountain Burns*, de Juan Tomás Ávila Laurel, foi publicada pela And Other Stories e indicada ao *Independent Foreign Fiction Prize 2015*. É co-fundador da Ragpicker Press, onde coeditou a obra de estréia *The Football Crônicas*, uma coletânea de traduções de textos curtos da América Latina.

² Nana Coutinho é Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente trabalha como professora de inglês na Universidade Estadual da Paraíba e tradutora. Carolina Paganine é professora adjunto II de Teorias da Tradução na Universidade Federal Fluminense e tradutora.

Para um tradutor de português, isso significa ignorar Portugal e Brasil e explorar a África (começarei a trabalhar em breve naquela que será a primeira tradução inglesa de um romance da Guiné Bissau). Para um tradutor de espanhol, significa ignorar a Espanha, a Argentina, o Chile, a Colômbia e o México. Traduzi um conto paraguaio para a *Words Without Borders*, uma revista eletrônica sediada nos Estados Unidos, e, posteriormente, aceitei pesquisar alguma coisa sobre a Guiné Equatorial para eles. Minha pesquisa me levou até o blog de Juan Tomás Ávila Laurel e, de lá, para o seu maravilhoso romance: *Arde el monte de noche*³.

Nós tradutores estamos habituados a nos tornar especialistas em assuntos sobre os quais não sabemos nada a respeito, a descrever paisagens que nunca vimos e a falar por meio de vozes que não são as nossas. Mas traduzir um romance da Guiné Equatorial parecia exigir uma dose de fé maior do que o normal. Como um rapaz de Sheffield poderia escrever como um senhor de uma vila, situada numa ilha do Atlântico na costa oeste da África?

Em último caso, a solução teria sido ir morar na ilha de Ano-Bom, onde se passa *Arde el monte de noche* (*By Night The Mountain Burns*) e mergulhar na cultura e nos costumes locais. Infelizmente, a vida de um tradutor não proporciona tais luxos e, de qualquer maneira, o conhecimento básico que eu adquirira sobre a Guiné Equatorial por meio das traduções de textos acadêmicos e das leituras dos ensaios de Ávila Laurel era suficiente para saber que o lugar não era nenhum paraíso turístico: na verdade, é uma cleptocracia rica em petróleo e governada com mão de ferro pelo ditador africano há mais tempo no poder.

Já que eu não podia literalmente visitar o país, eu teria que fazê-lo literariamente, o que, em se tratando da Guiné Equatorial, também não era uma tarefa fácil: as obras publicadas em espanhol, primeiro idioma oficial do país, são poucas e espaçadas. Com relação às traduções anteriores a *By Night The Mountain Burns*, o único livro da Guiné Equatorial publicado em inglês foi *Shadows of Your Black Memory*⁴ de Donato Ndongo, traduzido por Michael Ugarte. Mas fui relutante em começar a minha leitura por aí. Não queria ser instruído de imediato por algo que alguém já havia feito, queria dar ao meu instinto a chance de trabalhar primeiro.

Além disso, não desejava ser influenciado em demasia pelas traduções: a fim de imaginar como *By Night The Mountain Burns* poderia ter saído caso fosse escrito em inglês, compreendi que teria que ler os livros da região escritos originalmente em inglês. O país de língua inglesa mais próximo da Guiné Equatorial é a Nigéria que, para a minha

³ Publicado em inglês pela And Other Stories, 2014, com o título de *By Night The Mountain Burns*. A tradução foi indicada para o *Independent Foreign Fiction Prize 2015*, e recebeu o prêmio de melhor livro traduzido de 2014 do jornal *Financial Times*. O livro não tem tradução para o português, mas uma possível versão para o título seria: *A montanha arde de noite*. Todas as notas são das tradutoras.

⁴ *Sombras de sua Memória Negra*. Sem tradução para o português.

conveniência, possui uma rica e maravilhosa tradição literária. Iniciei a minha pesquisa lendo *Half of a Yellow Sun*⁵ de Chimamanda Ngozi Adichie, e *The Man Died*⁶ de Wole Soyinka não para obter uma orientação direta na construção da voz do meu narrador, mas para uma orientação geral: esses livros me forneceram o contexto pós-colonial e a percepção de como países multilíngues usam as antigas línguas das metrópoles.

O livro seguinte da minha lista de leitura foi *The Palm Wine Drinkard*⁷ de Amos Tutuola. Fiquei encantado: essa é uma história surpreendentemente criativa que me fez gargalhar com a sua audácia. Foi escrita em inglês, mas parece traduzida, porque de certo modo o narrador está traduzindo, ao menos na própria mente, do iorubá para o inglês. *By Night The Mountain Burns* é escrito em espanhol, mas a primeira língua do narrador é Fá d'Ambô, conhecida também como anobonense, a língua da ilha de Ano-Bom. (A Guiné Equatorial é uma antiga colônia espanhola e o espanhol é a primeira língua oficial, mas a sua população também fala fang, ndowe, anobonense, entre outras). Eu não queria ser tão criativo quanto Tutuola porque o espanhol de Ávila Laurel não é tão insólito e o Fá d'Ambô, como um crioulo português, é mais próximo ritmicamente do espanhol do que o iorubá é do inglês. Mas ler Tutuola me deu uma sensação de liberdade e me colocou num estado de espírito lúdico e, se não for por outra razão, me convenceu de que “los muertos” em *Arde el monte de noche* deveria ser “the deads”⁸, no plural, em *By Night The Mountain Burns*.

Traduzir é entender como a língua-fonte e a língua-alvo funcionam, mas, às vezes, é também um caso de sorte: trocadilhos e jogos de palavras serão sempre difíceis de reproduzir, mas de vez em quando você acaba paralisado por uma infeliz coincidência. (Funciona no outro sentido também: às vezes a sua própria língua apresenta um belo jogo de palavras que não existe no original; o truque é aproveitar essas oportunidades para compensar o que se revelou impossível em outras ocasiões). Em *By Night The Mountain Burns*, o narrador comenta a situação de soldados enviados para a ilha que não falam o Fá d'Ambô, mas sim a própria língua (fang, embora isso não esteja especificado) e que, nessa língua própria, eles começam as frases com “I say” (como descrito em espanhol: “Yo digo”). Os habitantes da ilha consideram isso grosseiro e apelidam os soldados de “I sayers”. No entanto, em inglês, “I say” é uma frase muito antiquada, um modo de falar associado principalmente ao império e ao colonialismo. Eu mesmo comecei a me questionar se poderia haver uma conexão linguística, mas, de qualquer modo, essa coincidência foi um azar para mim: se eu traduzisse “Yo digo” como “I say”, os leitores iriam pensar que os soldados eram britânicos. Minha solução foi a de evitar um pouco isso e traduzir “Yo digo” como “Me say”. Isso não é inglês correto, mas me interessou por fornecer outra camada de linguagem, com mais textura.

⁵ *Meio Sol Amarelo*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁶ *O Homem Morreu*. Sem tradução para o português.

⁷ *O bebedor de vinho de palmeira*. Tradução de Eliane Fontenelle. São Paulo: Círculo do Livro, 197?.

⁸ “Dead” em inglês é adjetivo e, portanto, não varia de acordo com o número.

Mandei para Ávila Laurel uma longa lista de perguntas às quais ele atenciosamente respondeu, porém, havia outras questões, mais sutis, e senti a necessidade de discuti-las em pessoa, então voei para Barcelona onde ele vive exilado. Conversamos sobre o narrador do livro, o que ele sabe e o que ele não sabe, o que é ficção e o que é realidade, o porquê do número de cruces na página 99 não corresponder ao número de pessoas listadas como mortas na página seguinte... Ávila Laurel recostou-se em sua cadeira e riu muito. Eu tinha mesmo contado? (Tinha, todas as 152). Nunca lhe havia ocorrido que alguém poderia fazer isso.

Avançamos para assuntos mais prosaicos. Eu disse que compreendia que o livro retratava crenças mágicas e superstições, mas que, como tradutor, precisava de uma compreensão muito prática daquilo que se passava para tornar as coisas mágicas em inglês também. Se um garotinho caminha nu perto da casa de uma mulher endiabrada, como ela, exatamente, enfiou uma panela nele? Ávila Laurel riu de novo, mas entendeu o que eu estava querendo dizer. O menino sentiria uma dor no estômago e ficaria *entendido* que ele tinha uma panela dentro de si, mas não haveria nenhum sinal físico disso, nenhuma forma de panela aparecendo nas suas laterais.

Agora eu sabia o que precisava ser dito, mas não como dizê-lo. Até eu ler o conto “Incidents at the Shrine”⁹ de Ben Okri. Na história, descobre-se que Anderson, o protagonista, tem um cadeado, um cauri e um prego enferrujado no ombro. “Who sent them into you?”¹⁰, perguntam a ele. Foi assim que peguei emprestada de Okri a expressão “send into”, bem como a palavra “ministrant”¹¹.

Na tentativa de encontrar uma embocadura para contar esta história¹², inevitavelmente recorri a *Things Fall Apart*¹³ de Chinua Achebe. Adotei várias palavras e expressões do livro, em particular “moonlight nights”¹⁴. Isso trouxe problemas para os editores e revisores, mas valeu a pena. Por causa de sua leve estranheza, essas expressões acabam se destacando sempre que surgem no texto e a repetição é uma característica marcante em *By Night The Mountain Burns*. Lembrei-me de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

⁹ “Incidentes no altar”. Sem tradução para o português.

¹⁰ Algo como “Quem mandou isso para dentro de você?”, o verbo inglês “send” não é usado com a preposição “into”, que denota movimento do exterior para o interior de alguma coisa. N. do. T.

¹¹ “Ministrante”.

¹² Esta expressão faz referência a frase de Chinua Achebe em *Things Fall Apart*: “I cannot yet find a mouth with which to tell the story”.

¹³ *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁴ “Noites de luar”.

São livros bem diferentes, mas a repetição em *By Night The Mountain Burns* e a ligeira obsessão por certas situações ou ideias, que percebemos em pessoas e em lugares de horizontes limitados, me fizeram pensar no livro de Graciliano sobre a vida no nordeste do Brasil.

A Nigéria não é o único país do golfo da Guiné em que se fala inglês. O francês é dominante em Camarões, que também tem o inglês como língua oficial. Mbella Sonne Dipoko é o escritor de língua inglesa mais famoso de Camarões, e seu romance *Because of Women*¹⁵ se passa nas margens do rio Mungo. Em *By Night The Mountain Burns* os homens da ilha de Ano-Bom saem para pescar em “cayucos”. Tinha pensado em traduzir “cayuco” por “kayak” para preservar a sonoridade, mas como *Because of Women* fala de homens remando em canoas, decidi que “canoe”¹⁶ era, portanto, a melhor escolha. Também ficara pensando se o óleo usado em *By Night The Mountain Burns* para cozinhar e acender lâmpadas deveria ser “oil”, “paraffin” ou “kerosene”¹⁷. *Because of Women* fala em óleo de palma e querosene, então eu fiz o mesmo.

Assim prossegui com o meu jeito colecionador de ser e resolvi os problemas extraíndo as palavras daqueles que falavam o inglês da região de uma maneira que eu não sabia. Mas ainda faltava alguma coisa.

O espanhol utilizado em *Arde el monte de noche*, aquele mesmo usado na própria ilha de Ano-Bom, tem um quê fora de moda. O espanhol foi trazido para a ilha como a língua da metrópole, oficial e imponente; e uma vez lá, ela convivia com uma língua local antes de ser preservada artificialmente, como se numa redoma de vidro, quando a ilha passou, em total isolamento, os anos pós-independência da Guiné Equatorial (o período descrito em *By Night The Mountain Burns*). O espanhol resultante tem uma peculiaridade arcaica, o que, em se tratando de língua inglesa, me fez lembrar da Índia.

Há muitas “desgracias” em *By Night The Mountain Burns*, uma palavra espanhola que pode ser traduzida como “misfortune” ou “accident”, “tragedy” ou “disaster”. Não estava satisfeito com nenhuma delas: as “desgracias” no livro envolvem erro humano e essas palavras soam muito mais como uma ação divina, algo natural, ou um simples azar. Estava bloqueado, sem saída. Foi então que assisti a *Nayak (The Hero)* e escutei os personagens falando de “catastrophes” e “calamities”. Antes, eu desconsiderara essas duas palavras por serem muito tolas, mas elas soavam diferentes numa voz indiana, mais ameaçadoras, menos pastelão. Elas entraram em *By Night The Mountain Burns* e, assim, eu fui resgatado de uma “desgracia” tradutória pelo cinema, não o de Nollywood ou Bollywood, mas o dos filmes de Satyajit Ray.

¹⁵ *Por causa das mulheres*. Sem tradução para o português.

¹⁶ Respectivamente, “caiaque” e “canoa”.

¹⁷ Respectivamente, “óleo”, “óleo de parafina” ou “querosene”.

ON TRANSLATION

Jethro Soutar

Budding translators are often frustrated by a lack of opportunities and this is especially true of the English-language world, where so few books are translated. Established authors have their established translators and publishers have their trusted collaborators. The only way to break into the magic circle is by finding something new: emerging translators must seek 'undiscovered' material and a good way to do this is by looking where the establishment tends not to venture. As a Portuguese translator, this means ignoring Portugal and Brazil and exploring Africa (I will soon start work on what will be the first ever English translation of a novel from Guinea Bissau). As a Spanish translator, it means ignoring Spain, Argentina, Chile, Colombia and Mexico. I translated a short story from Paraguay for Words Without Borders, the US-based online magazine, and subsequently agreed to source something from Equatorial Guinea for them. My research led me to Juan Tomás Ávila Laurel's blog and from there to his wonderful novel, *Arde el monte de noche*.

We translators are used to becoming experts on subjects we know nothing about, describing sights we've never seen and speaking in voices that are not our own. But translating a novel from Equatorial Guinean seemed to require a bigger leap of faith than usual. How could a Sheffield lad write like a village elder from an Atlantic island off the West African coast?

The extreme solution would have been to go and live on Annobón Island, where *Arde el monte de noche* (*By Night The Mountain Burns*) is set, and immerse myself in local culture and customs. Alas the life of a translator affords no such luxuries, and in any case, I had enough of a working knowledge of Equatorial Guinea, through translating academic texts and reading Ávila Laurel's essays, to know it was no visitor's paradise: in fact it's an oil-rich kleptocracy ruled with an iron fist by Africa's longest standing dictator.

If I couldn't literally visit the place, I'd have to do so literarily. In Equatorial Guinean terms, that's not so easily done either: published works in Spanish, the country's official first language, are few and far between. As for translations, prior to *By Night The Mountain Burns*, the only Equatorial Guinean book published in English was *Shadows of Your Black Memory* by Donato Ndongo, translated by Michael Ugarte. But I was reluctant to start my reading there: I didn't want to be immediately instructed by what someone else had done; I wanted to give my instinct a chance to get to work first.

I also didn't want to be unduly influenced by translations: in order to imagine how *By Night The Mountain Burns* might have come out if written in English, I understood that I

had to read books from the region originally written in English. The nearest English-speaking country to Equatorial Guinea is Nigeria, which helpfully has a wonderfully rich literary tradition. I began my research by reading Chimamanda Ngozi Adichie's *Half of a Yellow Sun* and Wole Soyinka's *The Man Died*, not for direct guidance in shaping my narrator's voice, but for overall orientation: both books gave me post-colonial context and a sense of how multilingual countries use their former colonial languages.

The next book on my reading list was *The Palm Wine Drinkard* by Amos Tutuola. I was blown away: it is a stunningly inventive tale that had me laughing out loud in its audacity. It was written in English, but sounds translated, because in a way the narrator is translating, if only in his own head, from Yoruba to English. *By Night The Mountain Burns* is written in Spanish, but the narrator's first language is Fa d'Ambu, also known as Annobonese, the language of Annobón Island. (Equatorial Guinea is a former Spanish colony and Spanish is the official first language, but its people also speak Fang, Bube, Ndowe and Annobonese, among others). I didn't want to be as inventive as Tutuola, because Ávila Laurel's Spanish is not as unconventional, and Fa d'Ambu, as a Portuguese creole, is rhythmically closer to Spanish than Yoruba is to English. But reading Tutuola gave me a sense of freedom and put me in a playful mood: if nothing else, it persuaded me that 'los muertos' in *Arde el monte de noche* should be 'the deads', plural, in *By Night The Mountain Burns*.

Translation is about understanding how the source and target languages work, but it is also sometimes about luck: puns and wordplays are always going to be difficult to replicate, but sometimes you end up hamstrung by an unfortunate coincidence. (It works the other way too: sometimes your own language presents a nice play on words that didn't exist in the original; the trick is to take advantage of opportunities in compensation for what proved impossible elsewhere). In *By Night The Mountain Burns*, the narrator speaks of soldiers posted to the island who do not speak Fa d'Ambu, rather they speak their own language (Fang, although this is not specified) and in their own language, they start sentences by saying "I say" (as described in Spanish: *Yo digo*). The islanders consider this rude and nickname the soldiers the 'I sayers'. However, in English, 'I say' is a very old fashioned phrase and a manner of speaking that is especially associated with empire and colonialism. I even began to wonder whether there might be a linguistic connection, but in any case, the coincidence was bad luck for me: if I translated *Yo digo* as 'I say', readers would presume the soldiers were British. My solution was to fudge it somewhat and translate *Yo digo* as 'Me say'. This is not correct English, but that appealed to me, for it provided another layer of language, more texture.

I sent Ávila Laurel a long list of translation queries, which he dutifully answered, but there were subtler questions I felt needed to be discussed in person, so I flew to Barcelona, where he lives in exile. We discussed the book's narrator, what he does and doesn't know, what is fact and what is fiction, why the number of crosses on page 99 doesn't tally with the number of people listed as dead on the next page... Ávila Laurel sat back in his chair to digest the question, then laughed and laughed. Had I really counted them? (I had, all 152.) It had never occurred to him that anyone might.

We moved on to less prosaic matters. I said I understood that the book featured superstitious beliefs and magic, but that as a translator, I needed a very practical understanding of what was happening, in order to make things magical in English too. If a little boy walks naked past a she-devil's house, how, exactly, does she stick a saucepan in him? Ávila Laurel laughed again, but he knew what I was getting at. The boy would get a pain in his stomach and it would be *understood* that he had a saucepan inside him, but there'd be no physical sign of it, no saucepan shape bulging out of his sides.

I now knew what needed to be said, just not how to say it. Until I read Ben Okri's short story, 'Incidents at the Shrine'. Anderson, the story's main protagonist, is found to have a padlock, a cowrie and a rusty nail in his shoulder. 'Who sent them into you?' he is asked. Thus I borrowed Okri's phrase 'send into', as I did his word 'ministrant'.

In my quest to find a mouth with which to tell the story, I inevitably turned to *Things Fall Apart* by Chinua Achebe. I adopted several words and turns of phrase from the book, not least 'moonlight nights'. This caused problems for copyeditors and proofers, but it was worth the trouble. The slight oddness of such turns of phrase makes them stand out whenever they recur, and repetition is a key feature of *By Night The Mountain Burns*. I was reminded of *Barren Lives* by Graciliano Ramos. They are very different books, but the repetition in *By Night The Mountain Burns*, the slight obsessing over certain events or ideas that you get in people and places of limited horizons, reminded me of Ramos' book about life in Brazil's Northeast.

Nigeria is not the only Gulf of Guinea country where English is spoken. French dominates in Cameroon, but English is also an official language. Mbella Sonne Dipoko is the most celebrated English-language writer from Cameroon and his novel *Because of Women* is set on the banks of the River Mungo. In *By Night The Mountain Burns*, the men of Annobón Island go out in 'cayucos' to fish. I had planned to translate 'cayuco' as kayak, to preserve the sound, but *Because of Women* speaks of men paddling canoes; I decided canoe was therefore the better fit. I had likewise been deliberating over whether the oil used in *By Night The Mountain Burns* for cooking and lighting lamps should be 'oil', 'paraffin' or 'kerosene'; *Because of Women* talked of palm oil and kerosene, so I followed suit.

Thus I made my way in magpie fashion, solving problems by plucking words from those who spoke the region's English in a way I did not. But there was still something missing.

The Spanish used in *Arde el monte de noche*, and by turns on Annobón Island itself, has an old-fashioned quality to it. Spanish was brought to the island as a colonial language, official and pompous; once there, it rubbed shoulders with a local language, before becoming artificially preserved, as if in a bell jar, when the island spent Equatorial Guinea's post-independence years in total isolation (the period described in *By Night The Mountain Burns*). The resulting Spanish has an archaic peculiarity to it, which in English terms brought India to mind.

There are many '*desgracias*' in *By Night The Mountain Burns*, a Spanish word that might be translated as 'misfortune' or 'accident', 'tragedy' or 'disaster'. I wasn't satisfied with any of them: the *desgracias* in the book involve human error and these words sounded too much like acts of God or simple bad luck. I was blocked, stuck. Then I watched *Nayak (The Hero)*, and heard characters speak of 'catastrophes' and 'calamities'. I'd previously ruled both words out as being too silly, but they sounded different in an Indian mouth, more menacing, less slapstick. Into *By Night The Mountain Burns* they went, and thus I was rescued from translatory *desgracia* by cinema: not Nollywood or even Bollywood, but the films of Satyajit Ray.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. New York: Anchor Books, 1994.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Half of a Yellow Sun*. New York: Anchor Books, 2006.
- DIPOKO, Mbella Sonne, *Because of Women*. London: Heinemann, 1968.
- LAUREL, Juan Tomás Ávila. *Arde el monte de noche*. Madrid: Calambur, 2009.
- _____. *By Night The Mountain Burns*. Trans. Jethro Soutar. London: And Other Stories, 2014.
- NDONGO, Donato. *Shadows of Your Black Memory*. Trans. Michael Ugarte. Chicago: Swan Isle Press, 2007.
- OKRI, Ben. *Incidents at the Shrine*. London: Vintage, 1993.
- SOYINKA, Wole. *The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka*. London: Vintage, 1994.
- TUTUOLA, Amos. *The Palm Wine Drinkard*. New York: Grove Press, 1994.